

Algumas expressões da saudade do Brasil

Klára Šimečková, 22 anos
4º ano da Faculdade de Letras (Língua e Literatura Portuguesa, Língua e Literatura Alemã) da Universidade de Masaryk em Brno

Morada:
P.J.Šafaříka 11
České Budějovice
37007
e-mail: klarka_br@seznam.cz
telefone: 723 711 816

Conteúdo:

1. Saudade, sua definição e etimologia.....	1
2. Os poemas escolhidos.....	2
3. Análise dos poemas.....	3
3.1 Canção do Exílio – Gonçalves Dias.....	3
3.2 Canção do Exílio – Casimiro de Abreu.....	5
3.3 Canto de Regresso à Pátria – Oswald de Andrade.....	7
3.4 Canção do Exílio – Murilo Mendes.....	7
3.5 Minha Terra – Casimiro de Abreu.....	9
3.6 Pátria Minha - Vinícius de Moraes.....	11
3.7 Samba de Orly – Chico Buarque, Vinícius de Moraes.....	15
4. Designação da saudade.....	16
5. Literatura e história.....	18

Conclusão.....

.....

1. Saudade, sua definição e etimologia

Esse trabalho tem como objetivo trabalhar o tema “saudade da pátria” e analisar, como vários autores exprimiram-na literariamente, nos seus poemas e canções, e compará-los. A saudade é um termo geral para um sentimento muito específico de cada pessoa porque é muito individual o modo como cada um dos homens vive a sua saudade. A saudade é uma sensação muito subjectiva, o que podemos observar também na literatura, principalmente na literatura lusitana, onde o motivo da saudade aparece frequentemente presente. Já desde a época das descobertas, cantavam os navegadores portugueses a sua terra natal que deixaram para trás e o tema da distância do país amado tornou-se uma infinita fonte de inspiração para os autores literários portugueses. E os brasileiros, cuja saudade foi derivada da saudade portuguesa, também exaltaram a sua pátria quando estavam distante dela.

O princípio da palavra saudade vem da palavra latina *solitatem*. O vocábulo latino *solitas, -atis* ‘solidão, desamparo, abandono’ é formado de *solus* ‘sozinho’ e o sufixo *-tat-*. A evolução da arcaica palavra *soydade, suydade* foi marcado pela influência do vocábulo saúde e o significado que oferece o Novo Dicionário da Língua Portuguesa é o seguinte: “lembrança nostálgica e ao mesmo tempo suave de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada de desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; nostalgia”.¹ A saudade aparece na literatura portuguesa desde o século XIII e ocupa um lugar notável até hoje. Este sentimento começa a ser expressado já na lírica galego-portuguesa, onde assume diferentes formas: *soidade, suidade, soydade*. Um monumento literário tornou-se o livro “Leal Conselheiro” de D. Duarte que fora de outros sentimentos e problemas também fala da

¹ Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Holanda Ferreira, Aurélio Buarque, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1ª edição, 4ª impressão.

saudade. A palavra saudade, não passou somente por uma mudança ortográfica. Também o sentido dela passou a ter ainda maior importância durante da época da expansão ultramarítima. Não foram somente as pessoas que ficaram, mas também a terra natal que ficou longe e que provocava saudade. Num texto de D. Francisco de Manuel Mello de 1676 diz-se que: “Amor e ausência são os pais da saudade²” e “alude essa ‘paixão da alma’ às viagens como causa desse sentimento”³. E é precisamente este facto que importa para esse trabalho, porque esta saudade influenciou de um modo extraordinário o carácter do povo português e a sua criação literária como podemos observar por exemplo na obra de Luís de Camões ou Fernando de Pessoa, mas também deixou as marcas indeléveis no carácter do povo brasileiro e reparáveis na literatura do Brasil.

2. Os poemas escolhidos

Os sete poemas, canções e músicas escolhidos para as análises às quais se dedica este trabalho devem mostrar as diversas formas da saudade expressada pelos diferentes autores literários e musicais e secundariamente declarar o fio que a influencia e que liga a literatura com a história.

O mais famoso poema romântico que sem dúvidas tinha que ser colocado nessa análise é a “Canção do Exílio” que é o primeiro monumento literário que canta o Brasil e que teve muitos sucessores. Nem todas as retocadas canções exprimem o mesmo que a canção genuína. Porém a “Canção do Exílio” de outro autor romântico, Casimiro de Abreu, que descreve a saudade do seu país também no poema “Minha Terra” é que mais mantém o sentido original. O poema “Minha Terra” foi colocado para deixar ver que

² <http://vieiros.com/galego.org/linguadascantigas/relatorios/frateschi.html>

³ <http://vieiros.com/galego.org/linguadascantigas/relatorios/frateschi.html>

Casimiro também escrevia sobre a saudade do Brasil e que nem todos os poemas sofreram tão marcante influência de Gonçalves. Duas canções de autores modernistas expressam contrariamente às outras remodelações a saudade da pátria, mas é uma outra espécie de saudade. Saudade do Brasil remoto temporalmente, da pátria não alagada pelos imigrantes e das influências estrangeiras, saudade do que é tipicamente brasileiro. Vinícius de Moraes, por ter seguido a carreira diplomática, viajou muito pelo mundo e nalguns lugares permanecia períodos mais demorados, que o levou a exprimir a saudade que viveu no poema “Pátria Minha”. O último texto escolhido é letra de música que foi escrita por um autor que teve que se afastar do Brasil por causa da complicada situação política e que só assim podia persistir na sua carreira sem se sentir flagelado e que deixa no fundo uma marca de insensatez.

3. Análise dos poemas

3.1 Canção do Exílio – Gonçalves Dias

O mais famoso poema que canta o Brasil e a saudade dele é a *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias. Foi composto no ano 1843 em Coimbra, Portugal e publicado em 1847 na obra de estréia de Gonçalves Dias – *Primeiros Cantos*. O poeta maranhense havia partido em 1838 para se matricular na Universidade de Coimbra. Estava há quase cinco anos fora do Brasil e a saudade começava a apertar o seu coração. O poema mistura a dolorosa “saudade e o nacionalismo”⁴, ambos traços típicos do Romantismo brasileiro, época em que o poema foi escrito. Gonçalves Dias transforma no seu poema a pátria em uma “longíngua utopia”⁵. O gorjeio dos pássaros não lhe traz aquele prazer de ouvir o sabiá

⁴ http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

⁵ http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

como trazia no Brasil, o céu que ele vê à noite e principalmente as estrelas são diferentes, não só porque o hemisfério meridional distingue-se do setentrional onde fica Portugal mas certamente pela sensação de estar longe do solo amado que o faz tão lindo. A flora brasileira é tratada no segundo e terceiro verso da segunda estrofe, onde ele fala dos bosques e da vida dos vegetais nele. A natureza é também refúgio e confidente do poeta nos momentos de saudade e desalento. Gonçalves menciona igualmente o lado emocional na segunda estrofe.

Talvez por isso começa a seguinte estrofe com o verso em que aparece a palavra *sozinho*, que ainda mais salienta a falta que o poeta sente enquanto está longe do país que tem tais qualidades que ele não consegue encontrar no lugar do seu exílio. “A sugestão geral do poema é estabelecer as diferenças entre a terra natal e o lugar do desterro”⁶, aos quais o poeta se refere pelo uso das palavras „lá“ e „cá“ que demonstram excelentemente esse contraste. As diferenças mencionadas no poema são “tanto físicas quanto psicológicas”⁷, como já foi dito. O sentido do exílio é salientado pela repetição dos dois primeiros versos do poema, que aparecem no fim do terceiro quarteto, do primeiro sexteto e com o primeiro verso um pouco variado também no segundo sexteto. “Apesar de poeticamente muito sugestivo (a palmeira simbolizando a imponência e o sabiá a graça), o verso é ecologicamente falso. Ocorre que o sabiá que tem por hábitat a palmeira (sabiapioca) não canta. Vale lembrar que os românticos não tinham compromissos com a verdade, mas com a imaginação, com a fantasia.”⁸

No que se refere à forma, Gonçalves Dias, representante do primeiro Romantismo,

⁶ http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

⁷ http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

⁸ Literatura I, de Andrade, Fernando Teixeira, Objetivo, pág.61

ainda mantém “um certo sabor clássico”⁹. Isso percebe-se pelo uso “comedido nos adjectivos e cuidadoso nas imagens”¹⁰. O autor “soube criar uma visão geral da idéia do desterro com um material poético breve, porém expressivo. Ou seja, ele é mais romântico na temática do que na forma”¹¹, porque a exaltação que ele pronuncia não é feita pelo abuso de imagens como aconteceria mais tarde no caso dos poetas ultra-românticos.

A “Canção do Exílio” tornou-se um verdadeiro ícone, tanto na literatura brasileira quanto na portuguesa. Vários autores de mais variadas épocas literárias deixaram-se influenciar por ela para exprimir o tema do exílio, de estar longe do país amado e da idolatração da terra natal. A importância desta canção para os brasileiros, além de ser uma das famosíssimas, evidencia melhor o facto: versos dela foram inseridos no Hino Nacional Brasileiro, onde aparecem na segunda estrofe marcados entre aspas.

3.2 Canção do Exílio – Casimiro de Abreu

Casimiro de Abreu, poeta do Romantismo brasileiro influenciado pelo Gonçalves Dias, vivendo três anos em Portugal também desenvolveu o sentimento de exílio nos seus poemas, “porém não chegou a alcançar o nível do seu modelo e os seus poemas tal renome quanto a canção original”¹². Na sua colectânea de Poemas chamada “Primaveras”, publicada em 1859, encontram-se vários poemas que trabalham não somente o tema da saudade da pátria, mas também a típica nostalgia romântica, a sensação de estar exilado, saudade do tempo perdido, do tempo da infância doce. O poema que mais visivelmente traz a herança do Gonçalves Dias é um poema com o mesmo nome como o de Gonçalves.

⁹ http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

¹⁰ http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

¹¹ http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

¹² Literatura I, de Andrade, Fernando Teixeira, Objetivo, pág.62

O poema “Canção do Exílio” foi escrito em Lisboa, no ano 1855 e logo pela primeira leitura percebe-se a influência do Gonçalves. No entanto, não é uma pura imitação, Casimiro recriou o poema e evita a repetição dos versos como acontece no poema do poeta maranhense. A descrição do Brasil é bastante colorida e o ufanismo brasileiro forte, que o poeta demonstra com os versos *terra aquela, rica e bela; céu que se mira nos cristais* ou *que seiva, que luz, que galas*. Por um lado ufanismo, por outro quase uma ausência de abstrações, pois o poeta limita-se a descrever principalmente o carácter físico da sua pátria que no poema varia de nomes. O gosto pela glorificação de tudo que é tipicamente brasileiro, próprio dos romantistas, é mais visível no quarto sexteto pela já citada *a terra das mangueiras*. O que o poeta salienta é a cor do céu brasileiro, porém não se conforma com um simples azul e tacha o céu de adjectivos como *anil e de safira*.

O sabiá do Casimiro sofreu umas mudanças. Primeiramente tornou-se ecologicamente mais verdadeiro porque canta na laranjeira e outro facto que deveria ser mencionado é que enquanto o sabiá do Gonçalves canta na terra onde tem palmeiras, o de Casimiro *canta nos retiros seus suspiros*. Como se o poeta quisesse aprofundar, maximalizar o sentido da dor e da saudade na diferença entre o suspiro e o canto. No quinto sexteto o poeta é por si mesmo comparado com o pássaro dos palmares, mas no quarto verso da estrofe menciona que é ele que vive *longe do ninho, sem amor e carinho*. O contraste entre a solidão, tristeza e o amor e felicidade na terra amada é aumentado nos versos do sexto sexteto pelo adjectivo *escuro* que se refere a Portugal e o substantivo *a luz* (do lar paterno). De certa maneira o autor não quer revelar só a saudade do Brasil que sente durante a sua estadia em Portugal, mas o que vem na mente ao ler-se a canção é parcialmente também a saudade da infância, que certamente era doce e terna enquanto a vida adulta (e ainda mais uma vida longe do país amado) jamais será tão feliz.

3.3 Canto de Regresso à Pátria – Oswald de Andrade

A célebre canção do Gonçalves utilizou também o escritor do Modernismo brasileiro Oswald de Andrade, que a aproveitou para transformá-la "numa paródia forte e extremamente crítica contra a alienação social no Brasil"¹³. Usando o humor, Oswald criou um "poema-paródia"¹⁴ no qual continua o carácter nacionalista, porém com uma nova perspectiva crítica. "O poeta, contudo, não critica a valorização do elemento nacional, mas a forma ufanista de fazê-lo."¹⁵ O jogo com os advérbios *daqui/lá* permanece mas Oswald não se refere ao Brasil, porém a saudade é limitada à cidade de São Paulo, mais precisamente ainda à Rua 15 e ao progresso de São Paulo e desaparece o sabiá que cantava e gorjeiava nas canções de Gonçalves e Casimiro. Quem gorjeia nos palmares de Oswald é o mar. O poeta exalta o bom que há no Brasil e repete o pedido do Gonçalves ao Deus. Como já foi dito, ele limita o seu desejo à Rua 15 de Novembro, que é o símbolo do progresso da cidade de São Paulo, usando a linguagem coloquial, um dos traços mais característicos dos modernistas.

3.4 Canção do Exílio – Murilo Mendes

Murilo Mendes também converteu a Canção do Exílio gonçalvina em uma clara paródia, no entanto, não abandona o tema da saudade e exílio, mas fala de um exílio diferente - dum "exílio na própria terra" e da saudade das coisas naturais do Brasil. "Substituindo as palmeiras por macieiras e os sabiás por gaturamos, Murilo satiriza a colonização cultural, a europeização da terra e dos costumes."¹⁶ Murilo demonstra na sua

¹³ http://www.gaiolaberta.com/sabia_artigo.htm

¹⁴ http://www.gaiolaberta.com/sabia_artigo.htm

¹⁵ http://www.gaiolaberta.com/sabia_artigo.htm

¹⁶ Literatura I, de Andrade, Fernando Teixeira, Objetivo, pág.62

Canção do Exílio o protesto contra a „colonização“ física e cultural no Brasil, contra as coisas e idéias que vêm de fora do Brasil, que demonstra um „notório espírito Pau-Brasil e antropófago“¹⁷ Já nos primeiros versos podemos observar a macieira como símbolo da „invasão cultural norte-americana“¹⁸ e os guturamos, pássaros multicoloridos, em vez de sabiás. No terceiro e quarto versos, Murilo refere-se à poesia simbolista, principalmente a Cruz e Souza, um poeta crioulo, e ao distanciamento entre esse poeta e a realidade brasileira. Do sexto até ao nono verso o poeta aproxima diferentes palavras e junta afirmações que aparentemente não dão sentido, que no entanto provocam um „efeito de estranhamento“. Os *pernilongos* certamente não foram postos no poema por acaso. Murilo faz ver que é incomodado tanto pelos pernilongos como por todos os citados nos seus versos. O poeta não deixou de incorporar o cotidiano na sua canção, que se nota no décimo verso mas acrescenta a Gioconda, a pintura de Da Vinci dependurada na parede, que testemunha as desavenças da família. Como já disse, o exílio do Murilo é só um exílio simbólico e o poeta quer mostrar mais a opressão que sofre pela invasão cultural estrangeira, que no poema é salientada na terceira estrofe. *Sufocado* na própria terra, ele ainda afirma que *as flores e frutas nacionais são mais bonitas e gostosas, porém custam mil reis a dúzia*. Os versos finais evidenciam explícita saudade das coisas genuinamente nacionais – a fruta carambola e a ave sabiá.

3.5 Minha Terra – Casimiro de Abreu

Outro poema que perfeitamente exhibe o excesso romântico de realçar o Brasil e que também fala da saudade chama-se "Minha Terra" e também foi composto durante os

¹⁷ Literatura I, de Andrade, Fernando Teixeira, Objetivo, pág.62

¹⁸ Literatura I, de Andrade, Fernando Teixeira, Objetivo, pág.62

quatro anos em que Casimiro de Abreu ficou em Portugal e colocado na coleção "As Primaveras". Esse poema já não sofreu aquela notável influência como a canção que já foi referida anteriormente, porém como o autor confessa nos dois primeiros versos ele canta a sua terra, porque todos o fazem, então declara que sofreu alguma influência.

Casimiro louva a sua pátria, sua natureza e história, realça o seu lugar superior no mundo e o facto que nenhum outro país pode nivelar-se ao Brasil, porém não se trata de um poema com uma complexidade filosófica, o autor quer simplesmente mostrar que o seu país é o mais rico, o mais lindo de todos e o seu passado tem grande valor e deixa claro que a saudade corrói a sua alma por estar longe da pátria. A exaltação que ocorre nesse poema é tipicamente romântica. O poeta repete várias vezes a idealização do Brasil e descreve o com vários nomes, de *país majestoso*, *terra de amores*, *terra encantada pelo mimoso jardim de fada* e até chama a pátria de *terra de Tupã*, um ponto de referência ao habitante oriundo do Brasil, ao índio, que depara novamente na sexta estrofe. A riqueza da natureza brasileira é destacada pelo emprego dos vocábulos que denominam as plantas da flora do Brasil como são as *palmeiras*, que Casimiro coloca juntas com o substantivo *leque* para pôr em evidência a abundância delas, *a laranjeira*, *a sapucaia*, *as mangueiras*, *as açucenas*, *o cajazeiro* e *a goiabeira*. Como representantes do mundo animal enumera a *borboleta*, o *sabiá* e o *guturamo*. Outras expressões que evocam a imagem de opulência e idílio surgem em quase todas as estrofes. O poeta sente saudade de tudo isso o que revela nas penúltimas três estrofes. Como ele conta "*Se brasileiro eu nasci/Brasileiro hei de morrer*" ele não permite que a sua pátria e o amor por ela nele desapareçam. Novamente coloca a palavra choro que sublinha o sentimento de saudade e da distância da pátria. Na décima quarta estrofe Casimiro repete o destaque da forte impressão da saudade quando substitui o canto por suspiros que já praticou na "Canção do Exílio". O facto de estar

distante do solo onde nasceu observa-se também nessa estância, pois o poeta utiliza termos como *prosrto*, *desterrado*, (*de saudades*) *torturado*. Como foi mencionado, Casimiro trabalha no poema também a história brasileira e relembra o passado significativo e faz uma referência ao nome antigo do seu país, à Terra de Santa Cruz, antigamente ainda Ilha de Vera Cruz, que é hoje Brasil. Mais precisamente reporta-se à história no nono, décimo e décimo primeiro verso. Refere-se à Independência e descreve a alegria e a felicidade do povo liberto de uma opressão que sofreu pelos longos três séculos e realça o sentimento de igualdade dos dois países, que surgiu em 1822 com o Grito de Ipiranga, no verso „*Portugal! Somos irmãos!*” Mais adiante porém, o poeta menciona outros acontecimentos históricos que ocorreram durante o conturbado período dos Governos Regenciais e as revoluções na Bahia, no Pará, no Maranhão e no Rio Grande do Sul (A Sabinada, A Cabanagem, A Balaiada e a Revolução Farroupilha) que aconteceram antes do nascimento do poeta, excepto da Balaiada e da Farroupilha que demoraram até 1841 e 1845. O poeta recorda na sétima e oitava estrofe também o passado literário e fala sobre o arcádico Tomás António Gonzaga, um poeta que na sua obra *Marília do Dirceu* deu vida aos dois apaixonados, que Casimiro usou para dar uma imagem paradisíaca do Brasil. O poema é encerrado com versos que Casimiro já tinha aplicados na terceira estância e que denunciam as indescritíveis belezas da terra do continente sul-americano (*Que nem as sonha um poeta/E nem as canta um mortal!*) e ainda uma vez exclama que o mundo não tem um país igual ao Brasil usando versos onde *a brisa em seus rumores/Murmura: - não tem rival!*.

3.6 Pátria Minha – Vinícius de Moraes

Vinicius de Moraes foi também um dos poetas que revelou o seu amor e a saudade da pátria na sua poesia. O poeta, na sua carreira diplomática, exerceu os cargos nos

consulados em Los Angeles, na Califórnia, na delegação do Brasil junto à UNESCO e em Montevideu no Urugua. “Foi”, como dizem dele, ”antes de tudo um apaixonado”¹⁹ e a paixão que teve pelas mulheres conseguiu transformar em poemas muito sugestivos. Porém a sua paixão foi tão imensa que a transferiu também à sua pátria e à saudade que sofreu enquanto vivia distante dela. Um dos mais notáveis poemas do Vinícius que descreve o sentimento de saudade e da falta do Brasil chama-se “Pátria Minha”. Este seu poema não foi escrito no mesmo modo como as outras canções analisadas até aqui. A tristeza que o Vinícius exprime é mais suave e das semelhantes canções difere pela sua significativa sensualidade.

“O poema saiu como um pequeno livro em 1949, numa edição de 50 exemplares, feita por João Cabral de Melo Neto em sua prensa manual quando morava em Barcelona, sob o selo “O livro inconsútil“.²⁰ É um poema muito expressivo, cheio de ternura, amor e saudade da terra amada distante, que nas várias partes passa a ser personificada com uma mulher que evoca vontade de fazer carinho nela ao Vinícius. Este traço não é nada extraordinário na obra do poeta que vivia apaixonado pelas mulheres. No entanto Vinícius não se limita a uma cega adoração, como foi o caso dos autores românticos para os quais o Brasil era autêntico Éden, e toca no assunto mais triste e realista, isto é, no problema da pobreza que existe no Brasil.

A forma é um pouco diferente das canções e poemas dos quais já foi falado porque aparece uma quebra de verso em várias estrofes, que com uma leitura superficial poderia enganar com a sua falsa anfibologia. Por exemplo, logo na primeira estrofe quando o poeta fala de "*doçura e vontade de chorar*", ao não prestar bem a atenção na pontuação, pode

¹⁹ http://www.releituras.com/viniciusm_bio.asp

²⁰ www.viniciusdemoraes.com.br

haver uma pequena confusão. Ele quer aludir à intimidade da doçura e vontade de chorar, mas colocou na mesma linha em vez de *íntima* uma *criança dormindo*, que é com certeza uma doçura enorme que até dá vontade de chorar.

Vinicius soube aqui realçar o sentimento de saudade de uma maneira mais pessoal, que evidencia por exemplo os versos *Assistindo dormir meu filho/ Choro de saudades da minha pátria*. Exatamente por isso o poema evoca uma sensação da imensa meiguice e afecto que o poeta sente pela sua terra. Na segunda estrofe Vinicius diz, que não sabe o que é a sua pátria, que poderia ser referência a certa multiculturalidade que existe no Brasil, no entanto o que é a sua pátria para ele no tempo em que está tão distante dela são as lágrimas (*a luz, o sal e a água*) que trazem certo alívio ao poeta nos momentos nos quais a saudade se intensifica (*elaboram e liquefazem a minha mágoa*). Como já mencionei, o que aparece repetidamente é a personificação da pátria com uma mulher que salienta a sensualidade do poema (*vontade de beijar os olhos de minha pátria/ De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos... a brisa/ que brinca em teus cabelos e te alisa... Que vontade me vem de adormecer-me/ Entre teus doces montes*). Dos últimos versos citados podemos sentir um leve erotismo ao imaginar que os montes entre os quais o poeta gostaria de adormecer é o peito duma mulher, que semelhante ao poeta sente a vontade de um contacto físico que Vinicius exprime nos versos seguintes (*Atento à fome em tuas entranhas/ E ao batuque em teu coração*). Porém a palavra usada nesse verso, o *batuque*, demonstra uma ambiguidade de sentido por poder se referir à batida repetida do coração da mulher ou à dança dos escravos africanos que foram trazidos para o Brasil. A pobreza nomeia Vinicius na segunda parte da terceira estrofe. No entanto não é simplesmente uma confirmação, pois o poeta revela, além disso, a vontade de mudar esta condição e igualmente a imagem do Brasil. Na estrofe que se segue acontece que o poeta se identifica com a saudade . A

saudade não tem pátria, pois qualquer pessoa pode senti-la, a saudade fica dentro da pessoa e é igual, qual religião perfilha, porque mesmo como não tem pátria, tampouco tem Deus. A saudade é, conforme Vinícius, *fio invisível no espaço de todo adeus* que por outras palavras significa que cada despedida traz uma saudade em si, que é também descrita pelo poeta como *elemento de ligação entre a ação e o pensamento*. A saudade do Vinícius é algo que não permite o esquecimento. O amor pela pátria permanece nele e é igualado com *um gemido de flor*, com um *amor a quem se jurou*, mas que já acabou e com *uma fé* na qual no entanto não existem restrições nem regras. Vinícius vê a pátria em tudo que não lhe agrada e são principalmente os momentos nos quais não se sente a vontade que incitam a saudade. Na sexta estrofe Vinícius relembra uma das muitíssimas estadas fora da pátria. A aqui citada é uma noite no Maine na Nova Inglaterra (EUA) quando, ao observar o céu, viu as duas estrelas principais e mais brilhantes da constelação de Centauro que no céu ficam próximas da constelação do Cruzeiro do Sul, e que o poeta esperava de ver nascer, porém sem sucesso por ter chegada a madrugada. A imagem do Cruz do Sul no poema não surge por acaso, pois encontra-se igualmente na Bandeira Nacional brasileira e também no emblema do exército nacional. Na sétima estrofe apresentam-se as letras do Hino Nacional Brasileiro que acontece de novo nas estrofes nove, dez e doze mas já com maior transformação ou mesmo negação do que diz o hino (*A minha pátria não é florão, nem ostenta lábaro... mais do que a mais garrida a minha pátria... não rima com mãe gentil...*) e o poeta exprime o desejo e a vontade de voltar logo à sua pátria. A seguir Vinícius expõe que dava tudo para poder rever a pátria para satisfazer o seu desejo de voltar à pátria amada e esta satisfação o faria esquecer tudo que se passava durante o tempo que permaneceu longe do seu país. No nono verso do poema encontra-se já referida ligação ao Hino Nacional Brasileiro e uma proclamação, que o seu país é uma tristeza de caminhos,

que poderia ser uma referência à vida dura e difícil no sertão nordestino (*terra sedenta*) que no entanto é seguida pela *praia branca* no litoral. Cinco séculos da história do Brasil compara com *grande rio secular* que passa por um processo que inevitavelmente se repete. Isto são as inundações que depois das fortes chuvas (bebe nuvem), engolem tudo (come terra) e vão para o mar (urina mar). O mar, porém, é considerado como um símbolo de infinito, de algo, que nunca acaba e o poeta carioca podia ter expressado nesse momento a esperança do Brasil sem fim. Outra coisa caracteristicamente brasileira, que é a cordialidade desse povo sul-americano, é salientada no décimo verso e o que o poeta não deixa de mencionar é também a independência do Brasil. A frase em latim que correctamente traduzida significa “Liberdade ainda que tardia” e é uma referência ao Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como “O Tiradentes” e à Inconfidência Mineira, cujo objectivo era a independência do Brasil e a criação da república. Vinícius transformou a frase na sua tradução em *liberta que serás também* que por outras palavras significa *liberta e serás livre*. Na penúltima estrofe Vinícius não quer dizer o nome da sua pátria e designa a carinhosamente com o diminutivo *patriazinha* e *pátria amada* e juntamente com o verso *não rimas com mãe gentil* refere se a um fragmento do Hino Nacional Brasileiro (“Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil”) Nos versos finais da décima segunda estrofe o poeta apelida a pátria uma *ilha de ternura* que é provavelmente causado por motivo que a compara com uma filha e deixa-se enternecer. A menção da filha porém pode ter sem dúvidas também um contexto histórico e estar ligada ao descobrimento do Brasil pelos portugueses que explicaria o emprego justamente dessa palavra. A última estrofe do poema foi influenciada pela peça Romeu e Julieta de William Shakespeare. Trata-se de uma cena quando Romeu e Julieta se acordam e tem de se despedir. Shakespeare usou os dois pássaros para simbolizar o dia (cotovia) e a noite (rouxinol).

Vinícius faz uma alteração no último verso do poema e diz, que é o rouxinol a ave do dia. O que mais importa é o terceiro pássaro mencionado, porque é o símbolo do Brasil como pôde ser observado já nos poemas anteriores. O *avígrama*, uma palavra que o poeta inventou influenciado pelo vocábulo telegrama, que era bastante usado naquele tempo e que manda para a sua pátria exprime o sentimento do amor e da saudade com máxima clareza.

3.7 Samba de Orly – Chico Buarque, Vinícius de Moraes

Outra música, Samba de Orly, que também fala da saudade, é um resultado de uma colaboração e sobretudo de uma amizade entre Toquinho, Chico Buarque de Holanda e Vinícius de Moraes. A música foi composta por Toquinho que, não aguentando mais a saudade que sentia durante os seis meses que passou na Itália, resolveu voltar para o Brasil e só então quando a mostrou para Chico, teve coragem de dizer ao amigo que estava partindo. Como ele mesmo disse: “Fiz essa música de saudade mesmo, vou embora amanhã.”²¹ E percebe-se na letra do samba um notável afecto de saudade, que demonstra que a temporada passada no estrangeiro pelos poetas não foi muito querida. Chico adaptou a letra conforme o propósito a que Toquinho compôs seu samba e enunciou também a sua própria saudade. Chamando seu amigo de irmão, o poeta dá para entender que concorda com a decisão do Toquinho e diz que devia chegar logo à sua cidade, antes que algum outro se aproveite dela. Os versos que se seguem saíram da caneta do Vinícius, porém estão alterados, pois a versão original foi impedida pela censura (*Pede perdão/Pela omissão/Um tanto forçada*). Estes versos, se levamos em consideração que o samba foi

²¹ www.chicobuarque.com.br

procedido em 1969, então na época da ditadura militar no Brasil, explicam que os artistas não estavam longe da pátria por querer, mas que foi um tipo de auto-exílio para poderem continuar nas suas criações artísticas. A seguir Chico pede que o seu companheiro silencie que o viu chorando, manda um recado para os seus que a sua vida vai levando e solicita receber *uma notícia boa* da sua pátria.

4. Designação da saudade

Todos os poemas e músicas deste trabalho têm, como já foi anunciado mais vezes, o tema da saudade em comum, pois cada um dos poetas e músicos descreve a saudade de forma dissemelhante o que quer dizer que as imagens que usam nos textos se diferem, porque cada um deles expressa a com palavras mais ou menos diferentes. O pronunciamento da saudade daquele que está longe geograficamente e perto na sua imaginação e de outro que está na sua pátria não é igual, mesmo que em todos os casos foi o Brasil e a saudade dele que inspirou os versos.

Gonçalves Dias denota na sua "Canção do Exílio" a saudade com os termos como o canto do *sabiá*, as *palmeiras* (que se repetem várias vezes) e também com a falta da riqueza natural. Isto são as principais coisas que relembra ao *cismar - sozinho, à noite* que é igualmente uma declaração da saudade. Gonçalves Dias poupa termos em comparação por exemplo com Casimiro, mas não deixa de mencionar o *céu* estrelado, *flores*, *bosques* e os demais *primores*. Com uma mestria consegue evocar o sentimento da distância e saudade pelo trocadilho *lá* e *cá* que reforça esta sensação e que foi de parte copiada pelo Casimiro, que na sua canção usa somente o *lá* e também pelo Oswald que a transformou no *daqui* e *lá*. A segunda "Canção do Exílio" que foi escrita por Casimiro de Abreu, além de repetir e alargar a enumeração das qualidades brasileiras, exprime a saudade pelos *suspiros*

do *sabiá*. Outra simbologia observa-se na quinta estrofe, quando o poeta compara-se com a ave. Os restantes signos que revelam a noção da saudade são os adjetivos *escuro* e *desterrado* que testemunham a tristeza e o abatimento. Porém Casimiro usa na sua canção explicitamente a palavra saudade e não a encobre apenas nos símbolos como faz Chico Buarque. O texto do poema “Minha Terra” é antes de tudo uma excessiva enunciação de elogios à terra do poeta e a saudade dela é revelada só nas últimas estrofes. Porém o Casimiro não louva e elogia o Brasil de um lado só, pois ele descreve todas as belezas tanto da natureza quanto o lado emotivo e histórico. Então a saudade é expressa pela citação das plantas e das aves exóticas, mas sua maior parte também pelos *sentidos e santos prantos* por quais o poeta, que no poema diz-se *filho daquelas matas*, chora. Chora por estar torturado de saudades, por ser um *proscrito* e *desterrado*. Casimiro diz que a saudade dele é tanta que até a lira não pode mais cantar e repetidamente usa o verbo suspirar como já tinha feito na sua “Canção do Exílio”. Nos poemas de Oswald de Andrade e de Murilo Mendes já não são usadas tantas expressões que evocam a saudade como nas canções românticas, que não é nada estranho quando se levam em consideração as características gerais de ambas épocas nas quais estes poemas foram escritos, porém nem Oswald, nem Murilo deixam de mencionar a abundância natural brasileira. Para Oswald são as *palmeiras* onde se ouve o gorjeio do *mar* e o canto dos *passarinhos*. Além disso, fala das *rosas* e da fonte da riqueza da terra brasileira - do ouro. No entanto Murilo enumera mais as coisas que o irritam no Brasil, somente faz uma noção sobre as flores bonitas e frutas gostosas, mas no final da “Canção do Exílio” dele coloca como mais berrantes signos que denotam a saudade o canto do *sabiá* e o gosto de *uma carambola de verdade*. O poeta que transformou a sua saudade no poema “Pátria Minha” e que usou as mais diversas imagens para exprimi-la foi Vinícius. Os símbolos usados por ele que têm

que ser acentuados são as *longas lágrimas amargas*, o céu que observa à noite *à espera de ver surgir a Cruz do Sul*, que é sem dúvida também certa confissão da saudade. Chico Buarque revela a saudade por meio da colocação do verso *que me viu chorando* e o choro é inegavelmente uma marca do sentimento da saudade e ainda um pouco ocultamente a pronuncia na primeira parte da primeira estância quando aprova a resolução do seu amigo de voltar ao Brasil.

5. Literatura e história

Outra coisa que este trabalho tem no alvo é a ligação entre a literatura e a história. Será que o período romântico na literatura brasileira seria igual se o Brasil não tivesse estado naquela fase da evolução histórica onde estava? Com a independência o Brasil inicia a sua busca de nacionalidade e a fase de construção de tudo que caracterizava a nação brasileira. Isto trouxe uma significativa influência para a criação literária deste período. Os autores procuravam mostrar uma identidade brasileira e não receavam dos exageros e das idealizações que pode ser observado nas Canções do Exílio da época romântica. E. Lourenço aponta que “nenhum povo pode viver sem uma imagem ideal de si mesmo”²², o que o romantismo certamente confirmou. Os modernistas refizeram a Canção do Exílio com um objectivo parecido àquele dos românticos, no entanto não era uma cega e exagerada idolatração, mas uma crítica à falta de uma identidade pura dos brasileiros e uma tentativa de chamar a atenção à busca dela através da literatura.

Outro facto que deixou indeléveis sinais na obra de Chico Buarque é o facto de estabelecimento da ditadura militar no ano de 1964, que durou longos vinte anos. O golpe que trouxe esse sistema político chegou apenas dezenove anos após o fim da ditadura de

²² Lourenço, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992, pág. 47

Getúlio Vargas. A forma ditatorial do governo causou rigorosa censura e uma intensiva opressão da expressão literária e cultural em geral, o que levou artistas como Chico e outros a sair da terra natal e viver no estrangeiro. Irrefutavelmente, essas ocorrências foram muito negativas para os brasileiros, contudo sem tais condições talvez não fossem compostas músicas tão expressivas que, além do descontentamento pelo sistema, revelam a impressão da saudade.

6. Conclusão

O objetivo das análises foi observar a saudade nos poemas e compará-los. Como se observa nesse trabalho a saudade não é, mesmo que em alguns casos tenha sido expressada por signos iguais, idêntica. A canção goncalvina, devido ao jogo de palavras, magistralmente expressa o sentimento de falta do país amado sem nenhuma influência alheia. Já os poemas do Casimiro, por exagerar nas imagens, perdem a sua espectacularidade e o sentimento da saudade até pode parecer perdendo a sua prioridade, sobretudo na "Canção do Exílio" pois o poema "Minha Terra" anuncia logo no seu começo que, além de exprimir a saudade, vai cantar o Brasil. Oswald altera a saudade de acordo com as necessidades literárias do modernismo. O uso da linguagem mais coloquial e o facto de o poeta colocar os versos nos quais pede voltar para São Paulo e ver o seu progresso elimina bastante a emotividade o que é ainda mais marcante na canção do Murilo. Também devido à escolha do vocabulário sente-se uma certa distância, mesmo que ambos poemas foram fortemente influenciados por Gonçalves. Vinícius consegue por meio do emprego de palavras que evocam comoção impor uma considerável sensibilidade que pode ser julgada como um fio que entrelaça todo o poema e que é ainda salientada pela personificação do Brasil com uma mulher. Na música do Chico dá para sentir umas gotas

de amargura causada pela obrigação de estar longe do Brasil, contudo não perdem o seu lado sensual e emocionante.

Em geral, nota-se que os autores românticos evitaram qualquer menção de coisas negativas e limitaram-se simplesmente a uma descrição idealizada, mas mesmo assim não chegam a ser tão expressivas e comoventes como os dois últimos textos, que revelam, fora a sensibilidade, também uma sensação mais sincera e verdadeira, apesar de que em vários poemas foram utilizados signos idênticos. Porém depende sempre do modo em que o autor utiliza o vocábulo, porque somente os símbolos não garantem a certa impressão do poema que o poeta desejaria.

Também a história, que foi tratada no quinto capítulo desse trabalho traz importante influência à literatura, que revelam todos os textos analisados. Embora "nenhum povo pode viver em harmonia consigo mesmo sem uma imagem positiva de si"²³ a literatura e a música tornam-se mais verídicas quando os autores declaram a imagem mais realista e mais aceitáveis para um leitor contemporâneo. Porém não pode ser esquecida a realidade, que Gonçalves e Casimiro viveram cento e cinquenta anos atrás, num mundo completamente diferente e sem aquela sublimação das belezas brasileiras não teriam celebrado tal sucesso, como aconteceu principalmente no caso da "Canção do Exílio" do Gonçalves Dias.

²³ Lourenço, Eduardo, O Labirinto da Saudade, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992, pág. 61

Bibliografia e materiais usados

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Holanda Ferreira, Aurélio Buarque, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1ª edição, 4ª impressão.

Moisés, Massaud, A Literatura Portuguesa através dos textos, 26ª edição, Editora Cultrix, São Paulo.

Lourenço, Eduardo, O Labirinto da Saudade, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

Literatura I, de Andrade, Fernando Teixeira, Objetivo.

http://www.bibvirt.futuro.usp.br/bvnovas_textos_legislacao.html

http://www.gaiolaberta.com/sabia_artigo.htm

http://www.gaiolaberta.com/sabia_de_exilios1.htm

http://blau.blogger.com.br/2003_03_01_archive.html

www.viniciusdemoraes.com.br

http://www.releituras.com/viniciusm_bio.asp

http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/shakespeare/romeu_e_julieta.htm

www.chicobuarque.com.br

<http://vieiros.com/galego.org/linguadascantigas/relatorios/frateschi.html>

http://www.geocities.com/r_crescencio/como_dois_e_dois.htm

Anexos:

3.1 Canção do Exílio – Gonçalves Dias

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
As aves , que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas.
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem palmeiras,
Que tais não encontro eu cá:
Em cismar:- sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá:
Minha terra tem palmeiras.
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá:
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá:
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

3.2 Canção do Exílio – Casimiro de Abreu

*Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá !
Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá !*

*Oh ! que céu, que terra aquela,
Rica e bela
Como o céu de claro anil !
Que selva, que luz, que galas,
Não exalas,
Não exalas, meu Brasil !*

*Oh ! que saudades tamanhas
Das montanhas,
Daqueles campos natais !
Daquele céu de safira
Que se mira,
Que se mira nos cristais !*

*Não amo a terra do exílio,
Sou bom filho,
Quero a pátria, o meu país,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis !*

*Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor !*

*Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim !
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim !*

*Distante do solo amado
- Desterrado -
A vida não é feliz.
Nessa eterna primavera*

*Quem me dera,
Quem me dera o meu país !*

3.3 Canto de Regresso à Pátria – Oswald de Andrade

*Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá*

*Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra*

*Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá*

*Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo*

3.4 Canção do Exílio – Murilo Mendes

*Minha terra tem macieiras da Califórnia
Onde cantam gaturamos de Veneza
Os poetas da minha terra
São pretos que vivem em torres de ametista,
Os sargentos do exército são monistas, cubistas,
Os filósofos são polacos vendendo a prestações.*

*A gente não pode dormir
Com os oradores e os pernilongos
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.*

*Eu morro sufocado
Em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
Nossas frutas são mais gostosas
Mas custam cem mil réis a dúzia.*

*Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
E ouvir um sabiá com certidão de idade!*

3.5 Minha Terra – Casimiro de Abreu

*Todos cantam sua terra,
Também vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lira
Hei de fazê-la rainha;
– Hei de dar-lhe a realeza
Nesse trono de beleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.*

*Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo dum céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brasil;
– É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa fala amores
Nas belas tardes de Abril.*

*Tem tantas belezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
– É uma terra encantada
– Mimoso jardim de fada –
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.*

*Não, não tem, que Deus fadou-a
Dentre todas – a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ela beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.*

*É um país majestoso
Essa terra de Tupã,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
– Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes
Que repetem incessantes*

Os cantos do sabiá.

*Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia.
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensas a rede de penas
Ali nas tardes amenas
Se embala o índio indolente.*

*Foi ali que noutro tempo
À sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro;
E a bela que o escutava
Um sorriso deslizava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.*

*Quando Dirceu e Marília
Em terníssimos enleios
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios:
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na laranjeira pousado
Soltava ternos gorjeios.*

*Foi ali, no Ipiranga,
Que com toda a majestade
Rompeu de lábios augustos
O brado da liberdade;
Aquela voz soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palácio à choupana,
Desde a floresta à cidade!*

*Um povo ergueu-se cantando
– Mancebos e anciãos –
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos;
Foi belo ver esse povo
Em suas glórias tão novo,
Brandando cheio de fogo:
– Portugal! Somos irmãos!*

*Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra
Nem os ecos da montanha
Ao longe diziam – guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!*

*Se brasileiro nasci
Brasileiro hei de morrer,
Que um filho daquelas matas
Ama o céu que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais há de ver.*

*Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tiê formoso
Da goiabeira no ramo!*

*Quis cantar a minha terra,
Mas não pode mais a lira;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscrito, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar – suspira!*

*Tem tantas belezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
- É uma terra de amores,
alcatifada de flores
onde brisa em seus rumores
Murmura: - não tem rival!*

3.6 Pátria Minha – Vinícius de Moraes

*A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.*

*Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.*

*Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias, pátria minha
Tão pobrinha!*

*Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação e o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!*

*Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.*

*Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...*

*Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!*

*Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo
Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.*

*Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.*

*Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamen
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!*

*Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.*

*Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.*

*Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama..."*

Vinicius de Moraes."

3.7 Samba de Orly – Chico Buarque, Vinícius de Moraes

*Vai, meu irmão
Pega esse avião
Você tem razão
De correr assim desse frio
Mas beija
O meu Rio de Janeiro
Antes que um aventureiro lance mão*

*Pede perdão pela duração
Dessa temporada
Mas não diga nada
Que me viu chorando
E pros da pesada
Diz que eu vou levando
Vê como é que anda
Aquela vida à-toa
E se puder me manda
Uma notícia boa*